

A PARTICIPAÇÃO DE BATALHÕES ESTRANGEIROS NA REBELIÃO DE 1924 EM SÃO PAULO*

Laura Christina Mello de Aquino**

O objeto de nossa dissertação de mestrado, orientada pelo Professor Antônio Pedro Tota, foi um aspecto do movimento¹ de 1924 em São Paulo que permanecia obscuro: a participação de Batalhões Estrangeiros que se formaram para lutar ao lado dos militares brasileiros rebelados contra o governo de Artur Bernardes.

Praticamente não há registros, na bibliografia sobre o movimento de 24, da participação desses Batalhões Estrangeiros; nosso trabalho por isso baseou-se quase que exclusivamente em fontes primárias de documentação, cujo núcleo central é o Processo movido pela Justiça Federal contra os implicados no movimento².

A partir dessas fontes procuramos descobrir o que foram esses Batalhões Estrangeiros e na medida do possível caracterizá-los, na tentativa de compreender o real papel que desempenharam no movimento tenentista.

O tema sob o qual começou a pesquisa era mais amplo: uma investigação sobre a participação de setores não militares no movimento de 24, em São Paulo.

* Defesa de Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP.

** Professora Substituta do DH/UFPB. Mestre em História do Brasil pela PUC/SP.

¹ Neste artigo adotamos o termo movimento para nos referir a 1924. O problema da conceituação do episódio tenentista de 24 é importante e deve-se iniciar o quanto antes o debate com a historiografia que trata do tema. No momento contudo trata-se apenas de apresentar os Batalhões Estrangeiros.

² Supremo Tribunal Federal dos Estados Unidos do Brasil. Apelação Criminal nº 1009. São Paulo. Relator Ministro Firmino Whitaker Filho. 1º Apelante: Justiça Federal. 2º Apelante: Eduardo Gomes e outros. Apelados: os mesmos. STE 6/7/1927. Corte de Apelação de São Paulo. Arquivo nº 46634. Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo.

No decorrer da pesquisa, no entanto, nosso interesse concentrou-se em um subgrupo que começava a ser identificável a partir da análise das fontes com as quais trabalhamos.

Sabe-se da participação, no movimento paulista, de estrangeiros organizados por nacionalidades que chegaram a constituir três batalhões para lutar ao lado dos militares rebeldes húngaros, italianos e alemães.

A leitura dos autos do processo-crime movido pelas autoridades brasileira contra os implicados no movimento sugeriu-nos uma ampla gama de possibilidades de estudo desses Batalhões Estrangeiros, os quais ainda não haviam sido objeto de pesquisa histórica sistemática.

Como já observamos, a historiografia pouco se tem referido aos Batalhões Estrangeiros que lutaram em 24.

Os dados que recolhemos em nossa pesquisa mostraram, no entanto, que a participação de estrangeiros em 1924 foi bastante expressiva, levando-se em consideração as características do movimento.

Sabe-se que os líderes do movimento militar não tiveram a preocupação explícita de ampliar ou estimular uma maior participação do operariado e que a quantidade de operários brasileiros alistados nas tropas rebeldes foi irrisória.

Nesse contexto, a questão da participação de estrangeiros em 24, o número e a qualificação desses elementos ganha relevância específica, embora o tema permanecesse praticamente intocado.

As autoridades brasileiras exploraram largamente a participação de estrangeiros no movimento de 1924 e, a nosso ver, há indícios de que os fatos referentes a essa participação foram distorcidos, com a intenção ideológica de justificar a repressão interna ao cidadão brasileiro considerado sob vários critérios "indesejável", fosse ele dissidente político ou mendigo.

Ao mesmo tempo e pela mesma hipótese de trabalho é nossa opinião que a historiografia tem subestimado a participação de estrangeiros no movimento tenentista de 1924.

Para Lourenço Moreira Lima³, os que combateram sob o comando do General Isidoro Dias Lopes somavam 6.000 homens dos quais 2.000 eram civis.

Pelo que pudemos extrair da documentação analisada, cerca de 700 estrangeiros lutaram em São Paulo.

A importância da participação de estrangeiros no movimento de 1924 deve ser examinada, a nosso ver, menos pela quantidade dos que se alistaram e, mais, pela qualidade dessa participação e pela repercussão que tenha tido naquele momento da vida brasileira e em momentos posteriores.

Cruzando o que nos dizem as fontes sobre a participação dos Batalhões Estrangeiros e a violenta repressão que se abateu sobre as organizações sindicais, após a retirada das tropas, parece que temos, em 1924, um momento privilegiado para analisar o surgimento do que o Professor Paulo Sérgio Pinheiro chamou de "mito da ameaça estrangeira"⁴.

A participação de estrangeiros no movimento tenentista de 1924 parece ter oferecido a oportunidade para "justificar" a repressão política interna e indiscriminada contra cidadãos brasileiros.

A ênfase com que as autoridades condenaram o envolvimento de estrangeiros no movimento, não teria sido, a nosso ver, casual ou fortuita. A presença de estrangeiros entre os revolucionários criou a possibilidade da utilização ideológica do conceito de "pátria ameaçada" por inimigos externos.

Esse "mito da ameaça estrangeira" favorecia a argumentação da repressão e se repetiria, sob diferentes versões, no levante comunista de 1935 e, outra vez, após o golpe militar de 1964.

³ MOREIRA LIMA, Lourenço – *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio – *Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

O aspecto inédito da participação de estrangeiros no movimento de 1924 está, a nosso ver, na utilização ideológica que dela foi feita pelas autoridades policiais brasileiras.

A conjuntura internacional da década de 20 favorecia o temor ao perigo estrangeiro.

De modo geral, parece não haver dúvidas de que a situação dos operários agravou-se muito com a eclosão do movimento. Fábricas e oficinas paradas, com os conseqüentes desemprego e fome, numa cidade cercada e bombardeada, levaram a população, sobretudo a mais pobre, ao desespero.

Para os estrangeiros, sobretudo, vivendo no quadro social complexo e específico em que se inscreve o imigrante, a garantia de comida gratuita e de algum dinheiro, evidentemente, teve alto poder de sedução, como solução imediata para os problemas mais graves.

Parece inegável que a falta de recursos levou muitos estrangeiros ao alistamento nos batalhões, o que se constata pelo depoimento de muitos deles, no processo movido pela Justiça Federal contra os envolvidos no movimento.

Pareceu-nos importante sondar outros motivos que pudessem ter levado os estrangeiros ao alistamento, pois vivia-se em situação de guerra, com seus perigos inerentes, e efetivo risco de vida. Além disso, não pudemos deixar de considerar a evidência de que, na hipótese de derrota dos militares insurgentes, os estrangeiros ver-se-iam em situação ainda mais precária, idéia que parece legítimo supor que tenha sido considerada, no mínimo, pelas lideranças.

Em nosso trabalho, portanto, procuramos conhecer os estrangeiros que participaram da rebelião de 1924 como homens, como seres de carne e osso. Ainda que o número dos que se alistaram para lutar contra o exército regular não tenha sido muito grande, e ainda que seja difícil reconstituir o que pensavam e o que pretendiam, não parece cabível que sejam deixados de lado e que permaneçam sendo um dos aspectos menos estudados do movimento em São Paulo.

A maioria dos estrangeiros alistados tinha vivido a experiência da Primeira Guerra Mundial. Eram homens testados nos campos de batalha.

Além de combater, muitos estrangeiros foram encarregados da manutenção dos canhões, metralhadoras e viaturas, chamando a atenção o número de mecânicos que havia entre eles. Pelo que indicam os documentos incluídos no processo, também foram incumbidos da fabricação de carros blindados e de granadas, o que permite inferir que fossem profissionais com alto grau de especialização.

Sabendo-se que foi irrisório o número de operários brasileiros alistados, o papel desses técnicos ou mecânicos especializados estrangeiros, com experiência de combate, parece ter sido relevante.

Foram três os Batalhões Estrangeiros que lutaram em São Paulo: um Batalhão Italiano, um Batalhão Húngaro e um Batalhão Alemão.

Além do papel que desempenharam na luta propriamente dita, esses estrangeiros tiveram outra função, essa de caráter ideológico: serviram como mais um argumento para que recrudescesse a repressão pelo Estado brasileiro da classe trabalhadora, dos dissidentes políticos de modo geral e dos "indesejáveis" de todos os matizes.

A campanha contra os "inimigos externos" começou antes de 1924, na virada dos anos 20, na luta contra o movimento operário liderado pelo anarquismo e anarco-sindicalismo. A partir de 1924 contudo ganhou novo impulso o argumento da pátria ameaçada por inimigos externos. A participação dos Batalhões Estrangeiros no movimento tenentista revigorou o argumento da ameaça estrangeira e pode ter servido para justificar a escalada da repressão que se seguiu ao movimento.

O mesmo argumento voltaria a ser utilizado no levante comunista de 1935 e após o golpe militar de 1964, encontrando

sua versão mais elaborada na Doutrina de Segurança Nacional dos anos pós-64.

O Professor Paulo Alves Lima, que integrou a Banca Examinadora observou, com absoluta pertinência, que o tema é "ingrato". É sua opinião que, em 1924 em São Paulo, estamos diante de mais um dos inúmeros episódios soterrados da história do Brasil. E que, soterrado sob o bombardeio, o episódio tem ainda muito a dizer.

Parece-nos que o tema seja mesmo "ingrato", por pelo menos duas razões básicas: porque o episódio tem sido subestimado; e porque há efetivamente um "buraco" na historiografia brasileira dos anos 20-30.

Esse "buraco" aliás foi uma das maiores dificuldades que tivemos de enfrentar durante a pesquisa. Interessados que estávamos em conhecer os Batalhões Estrangeiros que lutaram ao lado dos "tenentes", optamos por estabelecer um recorte na medida do possível preciso, quase rígido, e nos concentramos em nosso objeto.

Assumidamente, nesse primeiro momento de contato com o *problema* e com as fontes, não nos interessava estabelecer qualquer tipo de diálogo com a historiografia dos anos 20-30. Na observação aguda e pertinente do Professor Paulo Lima, os Batalhões Estrangeiros foram, até aqui, episódio e personagens, analisados sob uma determinada perspectiva: a da guerra. Na continuação de nosso estudo os mesmos episódios e personagens terão, inevitavelmente, de ser analisados sob uma perspectiva política.

Para o Professor Ricardo Maranhão, que também integrou a Banca Examinadora, 24 foi *revolução*; não foi *levante*, nem *rebelião*. É sua sugestão que devemos insistir e aprofundar a pesquisa dos autos do inquérito sobre o qual trabalhamos.

O Professor Ricardo Maranhão, generoso, considerou fundamental o nosso trabalho porque tentamos ali um primeiro passo no sentido de levantar o pesado véu que a elite intelectual

paulista lançou sobre 24-30. Se os tenentes destruíram as bases da legitimidade da República Velha e São Paulo foi agente nessa destruição, parece-lhe urgente e relevante que se conheça o período cada vez mais e melhor.

Por sugestão dos Professores Paulo Alves Lima e Ricardo Maranhão começamos daqui em diante a “forçar”, como objeto, os Batalhões Estrangeiros. A tentar vê-los, dentre outras perspectivas, contra o pano de fundo da conflagração européia; como, por exemplo, um dos efeitos colaterais e remotos do fracasso da política da *II Internacional*, no momento em que, na Europa, os operários marcharam entusiasmados para os campos de batalha.